

**“PROFETAS DO SERTÃO”: A RELAÇÃO ENTRE UMA CRENÇA  
ASTROLÓGICA E O CATOLICISMO POPULAR NA CIDADE DE IBIARA –  
PB (1960 a 1990)**

LILIAN DE LIMA BESERRA<sup>323</sup>

**RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo analisar a utilidade e o significado do almanaque - um tipo de livreto composto por um calendário, previsões astrológicas - como elemento de uma religiosidade popular no meio rural Ibiarense. “O Nordeste brasileiro” é um almanaque da autoria de Manoel Luiz dos Santos, no qual foram utilizados por uma família de uma comunidade rural na cidade de Ibiara – PB. Pretendemos, portanto, com base na leitura destes almanaques e a partir de depoimentos de agricultores e agricultoras que participaram do contexto onde estes livretos tiveram maior relevância nessa comunidade (entre 1960 e 1990), analisar as significações de um conteúdo astrológico utilizados por agricultores de crença religiosa cristã. Tendo como aporte teórico as discussões do historiador Peter Burke (2008) e Michel De Certeau (1974).

**Palavras-chave:** Almanagues; Religiosidade Popular; Astrológico;

**INTRODUÇÃO**

“Cultura é um padrão, historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida” (apud BURKE, 2008, p.52).

De acordo com Geertz, citado por Burke (2008, p. 52), os símbolos, assim como as práticas de um povo, são as “chaves” para compreender-se a cultura de determinada sociedade. Assim, em Ibiara, temos o almanaque como objeto de estudo para analisarmos a estrutura tanto religiosa quanto social dos ibiarense nas décadas já precedidas.

É a partir da década de 1960 quando a História Cultural é redescoberta e passa a ser estudada pelos historiadores, sem deter-se somente a questões políticas, econômicas, mas passando a analisar práticas, costumes, símbolos de um povo, ou seja, a cultura desse povo. E ainda assim, com bases nesses elementos, passa-se a compreender também outros fatos ligados a sociedade (BURKE, Peter, 2008).

---

<sup>323</sup> Graduanda em Licenciatura plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande no Centro de Formação de Professores (UFCG – CFP). Email: [lilianbeserra19@gmail.com](mailto:lilianbeserra19@gmail.com).

*Almanaque*, palavra de vários significados: calendário, livro *tem de tudo*. Assim também como há vários tipos: almanaque de farmácia, almanaque popular, almanaque do pensamento.

Esta pesquisa trata-se ainda de um estudo inicial no qual apresentaremos o significado da palavra almanaque, abordando o seu conteúdo, discorrendo sobre o autor do almanaque que iremos analisar, assim também, o contexto e o público que os utilizaram.

Segundo Le Goff (1996, p. 518), os almanaques começam a circular pela Europa a partir do século XV, pois é o momento em que a ação publicitária desenvolve-se e torna este livreto um objeto de publicidade. No Brasil ele surge no século XIX, período que a família real aqui desembarca e o almanaque é utilizado como meio de divulgação das atividades da coroa portuguesa (TRIZOTTI, Patrícia Trindade, 2007, p. 1).

O público que se utilizou dos almanaques populares sob o qual iremos desenvolver essa pesquisa são agricultores de uma cidade do interior do sertão paraibano, no nordeste brasileiro, onde ainda constam-se em sua consciência, passíveis de entrevistas. Foi, justamente, no arquivo pessoal desses agricultores onde localizamos os almanaques populares intitulados “O Nordeste brasileiro”, tendo como autor o pernambucano Manoel Luiz dos Santos.

Enquanto integrante de um meio social no qual práticas e costumes tradicionais são transmitidos de geração para geração, costumes estes influenciadores na vida de cada indivíduo inserido em determinada comunidade, as práticas místicas utilizadas, principalmente, por minha família, sempre influenciaram no decorrer do meu crescimento. No entanto, ocuparam e ocupam um lugar de inquietação, pois, ao mesmo tempo em que fui influenciada a crer em magias, profecias, sinais astrológicos, os dogmas cristãos ocuparam também um lugar de crença, no qual, jamais deveria deixar de seguir.

No processo de consulta aos acervos históricos, me deparei com uma coleção de almanaques que foram utilizados pela família na qual pertenço. Levando em consideração a minha formação dentro de uma comunidade crente destas práticas, o objeto de estudo em minhas mãos, literalmente, e as pessoas que se utilizaram dos almanaques ainda com a possibilidade de contribuir, através de entrevistas, ao desenvolvimento e respostas as questões dessa pesquisa, em que estas foram formadas a partir do momento que percebi o seguimento desse povo em uma fé católica, mas ao mesmo tempo usuários de práticas proféticas, senti-me com o dever de levar este trabalho a diante.

Portanto, com base na leitura destes almanaques, na influência das crenças místicas em meu crescimento e através de entrevistas com os agricultores que fizeram uso do almanaque “O Nordeste brasileiro” e também com o produtor Manoel Luiz dos Santos em que ainda encontra-se vivo, desenvolveremos essa pesquisa.

### **IBIARA: UM BERÇO DE COSTUMES E CRENÇAS:**

Tendo em vista a formação cultural e social do Brasil, a presença de várias culturas e crenças, o catolicismo, principalmente nas zonas rurais, trazido por camponeses portugueses adentraram – se as essas camadas populares brasileiras e difundiu-se com a inclusão de crenças populares, provenientes da presença de cultura africana, indígena e europeia. (HOORNAERT, Eduardo, 1974). Esse catolicismo popular é um tipo de sincretismo religioso, tornando-se a principal religiosidade das pequenas cidades brasileiras, inclusive Ibiara.

A cidade de Ibiara desde a sua formação foi instaurada por seus “fundadores” um dos símbolos desse Catolicismo popular: a imagem de Nossa Senhora do Rosário. E com isso sucedeu-se o seguimento do povo a religião Católica, tendo como padroeira da cidade a referida santa. No entanto, o sincretismo religioso nessa cidade faz-se aparecer às superstições, práticas mágicas, astrológicas, profecias, onde o povo também incluiu como pontos de crenças.

Uma sociedade formada em meio a uma escassez de pessoas alfabetizadas pode-se pensar que não haveria a compra deste almanaque, já que ele não possui imagens que tornasse possível a compreensão. Contudo, é notável ao analisarmos os agricultores que faziam uso deste objeto, que estes possuíam um status social e financeiro maior do que outros, também possuindo destaque por saber lerem. Os agricultores que compravam os almanaques eram aqueles que possuíam referência na cidade.

Nesta sociedade agrícola a educação não estava no topo da pirâmide social, pois importava mais possuir uma “moral”, terras, produtividade, ter um status social. Em meio a este contexto, os almanaques tinham uma relevância para os agricultores ibiarense, pois as profecias proporcionavam-no rendas, conseqüentemente, aumentando seu status.

Uma cidade hierarquizada, marcada pelas diferenças sociais, em que, neste momento, os agricultores tinham a “voz” na urbe, apesar de ser um momento que o

moderno e saberes científicos estavam chegando as cidades interioranas. Os conhecimentos tradicionais e populares ainda eram prevaletentes em Ibiara, as superstições, profecias, os (as) rezadeiras (as) ocupavam o lugar da cultura que desde a formação da cidade era transmitido.

Os agricultores que contribuirão com essa pesquisa são pertencentes às famílias que dentro de Ibiara estão inseridos no grupo de pessoas destacadas socialmente como “direitos”<sup>324</sup>, que possuem condições financeiras. Analisamos também que estes eram quem possuíam a leitura e escrita, enquanto aqueles que não se “encaixavam” com essa classe estavam submetidos aos trabalhos desses donos de terra e, provavelmente, através da relação “patrão e trabalhador”, tivessem conhecimento dos almanaques.

Dentre as práticas que se incluíram ao catolicismo, o almanaque torna-se um elemento dessa religiosidade popular, que adquiriu a confiança dos agricultores ibiarense, pois estes fizeram do almanaque um dos elementos de fé, de crença. A partir da década de 1960 quando começa a surgir em Ibiara traços de modernidade caracterizando a cidade, o mundo rural ainda tem sua influência nesse novo meio que surge modernamente, com práticas e costumes considerados “atrasados”.

### **DO CALENDÁRIO AO LIVRO *TEM DE TUDO*<sup>325</sup>:**

“Constatou-se ou sentiu-se a cada passo que o calendário é o resultado de um diálogo complexo entre a natureza e a história. É chegado o momento de retomar a ação da história sobre o calendário, acrescentando algumas considerações suplementares” (LE GOFF, 1996, p. 515).

Le Goff (1996) faz um estudo acerca do calendário e discorre que além de um sistema ele é também um elemento cultural, tendo em vista os vários tipos de calendários e o significado dele para determinada civilização<sup>326</sup>. Na França da Idade Média os calendários eram objetos que remetiam a classe burguesa, só a elite que podia adquiri-lo, usados para serem entregues como presentes aos vassallos para se tornarem conscientes do tempo e assim pagarem os impostos.

---

<sup>324</sup> Um conceito ainda utilizado por essas pessoas para qualificarem-se como homens honestos, trabalhadores, que seguem as regras da sociedade tradicional.

<sup>325</sup> CHARTIER, Roger; O livro dos livros: os Almanques no Brasil; 1999.

<sup>326</sup> Casa Nova (1996, p. 28) ressalta que: “cada povo media o tempo e controlava-o conforme seu cotidiano, sua crença. Cada povo, um calendário, uma história”.

É a partir do século XV que os calendários começam a ser fabricados em forma de xilogravuras, além do calendário em si, trazendo informações acerca das indicações astronômicas para cada mês. Exibe também um conteúdo de propagandas, principalmente, em homenagem ao rei Luís XIV, aos grandes personagens e heróis da época, apresentando um conteúdo militar, político. Mas também, exibem conteúdos sobre a pobreza e a miséria do período. (LE GOFF, 1996, p. 517)

Pode-se pensar que é a partir destes calendários que surge a necessidade de adicionar mais informações a este objeto. Os almanaques surgem como um “guia” para as pessoas viverem melhores e informadas, pois estes “livros” informarão sobre acontecimentos do dia-a-dia da cidade, astrologia, receitas que ajudarão na saúde das pessoas, ou seja, estarão contidos temas que interessa ao público tornando-se um objeto de venda (NOVA, Vera Casa).

“Ilustrado com signos, figuras, imagens, o almanaque dirige-se aos analfabetos e a quem lê pouco. Reúne e oferece um saber para todos: astronômico, com os eclipses e as fases da Lua; religioso e social, com as festas e especialmente as festas dos santos, que dão lugar aos aniversários no seio das famílias; científico e técnico, com conselhos sobre trabalhos agrícolas, a medicina, a higiene; histórico, com as cronologias, os grandes personagens, os acontecimentos históricos ou anedóticos; utilitário, com a indicação das feiras, das chegadas e partidas de correios; literário, com anedotas, fábulas, contos; e finalmente astrológico” (LE GOFF, 1996, p. 518).

Já se percebe uma mudança/diferença do almanaque em relação ao calendário: o seu público. Enquanto os calendários eram direcionados, exclusivamente, aos reis, a burguesia, os almanaques serão produzidos, principalmente, para aqueles das camadas “populares”, que possuem pouca leitura e escrita, mas que ainda possuem um “poder” na cidade, por isso, é repleto de imagens e ilustrações para que, a partir da leitura da imagem, as pessoas possam compreender o conteúdo deste novo livro informativo.

“O Nordeste brasileiro”, almanaque da análise desta pesquisa, teve como público os agricultores ibiarenenses, estes iam às feiras de final e início de ano com sede para comprar os almanaques, pois estes revelariam as previsões chuvosas para o seguinte ano, e os agricultores crentes dessas previsões faziam suas plantações. As feiras ocorriam aos domingos na praça central da cidade, era o momento de dialogação e encontro de agricultores com as pessoas da cidade, realizavam seus negócios,

compravam, vendiam, trocavam, conversavam assuntos acerca do cotidiano, das famílias, dos arranjos para casamento, momento também de diversão, de bebedeiras.

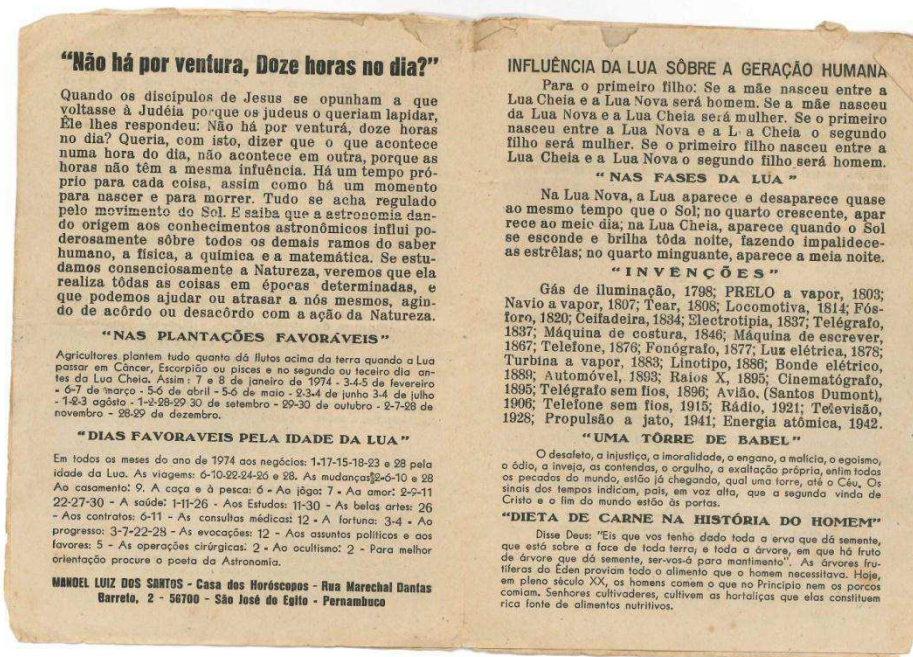
“(…) Tempo que o calendário, espaço primordial no almanaque, define como presente, passado e futuro, no período de um ano. Tempo de vida, tempo de morte. Tempo de plantar, colher, para viver e não morrer de fome. Economia. Produção de alimento: consumo. Saber prever para prover. Por isso os dias de sol ou de chuva devem ser previstos, ainda que com margem de erro. Se tudo no almanaque se relaciona com o tempo, com o cálculo, nada mais natural do que organizar as atividades e o cotidiano do homem em sua vida prática” (NOVA, Vera Casa; 1996; p. 48).

Não era só o conteúdo das previsões das chuvas que chamava a atenção das pessoas, pois o almanaque “O Nordeste brasileiro” é diversificado, continha os saberes medicinais, o horóscopo, conselhos, e isto levavam muitos a comprarem estes livretos, mesmo com o analfabetismo. O interesse em saber o que estava escrito em seu signo para o decorrer do ano, as plantas nas quais se utilizaria para curar determinada doença, o que se deveria fazer em determinada situação. Esses eram os assuntos que adentravam o cotidiano destes agricultores, fazendo com que o almanaque fosse um tipo de “conselheiro” que guiava o modo de vida das pessoas que o utilizavam.

“A melhor coisa que podeis dar aos vossos inimigos é o perdão; a um adversário, tolerância; a um amigo, vosso coração; ao vosso filho, um bom exemplo; a vosso pai, deferência; a vossa mãe, conduzir-vos do modo que ela se orgulhe de vós; a vós mesmo, respeito; a todos, caridade” (SANTOS, Manoel Luiz; 1974; p. 4).

Os conselhos vindos do “profeta” tinham o respeito, a crença e o uso dos agricultores, pois, segundo eles, Manoel Luiz tem a sabedoria e o *dom* enviado por Deus. Seria como um transmissor dos pedidos da divindade, pois a partir do momento que suas profecias concretizavam-se, gerava confiança e respeito para com esse homem.

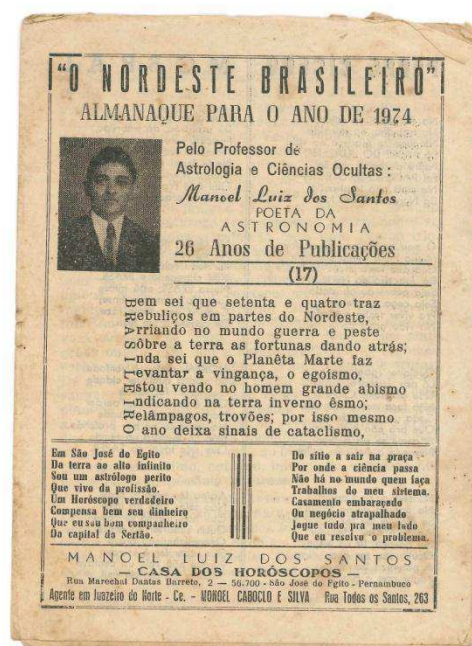
Imagem 1: Almanaque “O Nordeste brasileiro”, 1974.



Fonte: (Arquivo pessoal de Levi Beserra de Sousa).

É perceptível o quanto de informações estavam contidas no almanaque de Manoel Luiz, desde a forma do calendário em si até a notícias e novidades históricas que despertavam interesse a leitura dos agricultores e os levavam a comprarem. Estas informações eram justamente incluídas para tornar-se uma novidade e “comprar” a atenção e curiosidade dos leitores.

Imagem 2: Capa do almanaque “O Nordeste brasileiro”, 1974.



**Fonte:** (Arquivo pessoal de Levi Beserra de Sousa).

Os versos estão presentes na capa de todos os almanaques analisados de Manoel Luiz, estes, normalmente, com rimas que enaltecem Deus e os santos do cristianismo, assim também como apresenta as previsões chuvosas e o que o homem deve fazer para viver bem.

Encontrados em um arquivo pessoal, os dezoito almanaques no qual utilizarei como fonte para o desenvolvimento desta pesquisa, possui como título “O Nordeste brasileiro” e foi produzido pelo pernambucano Manoel Luiz dos Santos. Pomian (1984, p. 55) argumenta que é comum encontrar em moradias particulares, palácios e até em tumbas conjuntos de elementos que já estão fora da circulação econômica, e as pessoas mantém arquivados.

Estes almanaques são um exemplo disso, localizados em um espaço que, após algum tempo, levaria a sua degeneração, pois as pessoas no qual utilizaram esses livretos já não fazem mais uso, porque o conteúdo já não remete aos anos atuais. Porém, apesar disso, mantém os mesmos guardados. Embora esta situação de armazenamento não signifique para os “colecionadores” uma coleção, Pomian ressalta que:



(...) “não é necessário determinar quantidades. Porque, em geral, o número de objectos que formam a colecção depende do local em que se acumulam, do estado da sociedade, das suas técnicas e do modo de vida, da sua capacidade de produzir e acumular o excedente, da importância que se atribui à comunicação entre o visível e o invisível por intermédio dos objectos” (1984, p. 67).

Diante disso, esse conjunto de almanaques é considerado uma coleção a partir da ideia de Pomian ao argumentar sobre isso, pois independente da quantidade, o que valerá para encaixar determinados objetos ao significado de coleção é a atribuição que as pessoas no qual utilizaram fazem.

## O “PROFETA DO SERTÃO”

Manoel Luiz dos Santos, o “profeta do sertão”, entendedor de sinais, o poeta. Nasceu no ano de 1926, no sítio Batatas pertencente ao distrito de Barro Vermelho em de São José do Egito – PE, uma cidade marcada pelos poetas e seus versos, a “capital do repente”, a “terra da poesia”. Este é o lugar onde Manoel Luiz desenvolveu seu almanaque abrangendo todo o sertão nordestino e que segundo ele “circulava pelo mundo todo”<sup>327</sup>.

Com 91 anos de idade ainda relata sobre suas duas famílias, na qual ficou viúvo de sua primeira esposa com cinco filhos e casando-se novamente com Olívia, que durante três anos o ajudou na escrita do seu almanaque, devido a um problema de Catarata em sua visão, impossibilitando de enxergar. Porém, atualmente, vive sozinho na sua “casa dos horóscopos” em São José do Egito.

Chamado por muitos de profeta e/ou poeta, assim também como ele considera-se com essa denominação, teve uma formação em um curso Técnico de Contabilidade, é “diplomado”, “Professor de Astrologia e Ciências Ocultas”. Manoel Luiz possui uma irmã e um irmão, no qual o irmão já faleceu e em sua família destacou-se por esse *dom* que acredita-se ele e as pessoas crentes de suas profecias que foi enviado por Deus com intermédio do “Padim Ciço do Juzaeiro”, em que este foi um dos seus “incentivadores” para iniciar esse trabalho que o fez tornar-se conhecido em todo o Nordeste Brasileiro.

A residência de Manoel Luiz é o local onde este escrevia seus almanaques, se debruçava sobre os papéis e preenchia as folhas com seus versos, poemas e profecias, palavras que intimidavam o leitor e faziam ser verdade. Era o lugar onde ele também

---

<sup>327</sup> Entrevista realizada com Manoel Luiz dos Santos no dia 14/08/2017 em São José do Egito – PE.

vendia os Talismãs, amuletos da sorte para o homem deixar de ser cachaceiro ou para você deixar aquele amor aos seus pés ou ainda adiar os dias de vida e ainda sobre muitos outros desejos que você realizaria adquirindo o talismã, a pedra mágica. Assim também como as pessoas se deslocavam para sua residência com o objetivo dele “profetizar o futuro”, como, por exemplo, foi relatado por sua irmã<sup>328</sup> que as pessoas antes de realizarem uma viagem iam diretamente a Manoel Luiz para saberem se daria certo viajar em certo dia e horário.

Após colocar suas ideias no papel, Manoel Luiz dirigia-se, possivelmente, a cidade de Caruaru - PE para datilografar em uma gráfica os seus almanaques e assim enviar o seu conhecimento ao agricultor sertanejo. Ainda desconhecemos qual o trajeto dos almanaques depois de serem datilografados e como chegavam à feira livre da cidade de Ibiara. Isso ocorreu durante 42 anos de publicações.

Manoel Luiz, o profeta, é conhecido e ainda admirado por alguns agricultores ibiarense, contudo, devido à idade já avançada e o contexto social vivenciado atualmente tornou-se irrelevante o trabalho destes profetas, pois os saberes modernos e “científicos” ocuparam o lugar dessas práticas místicas que influenciaram durante décadas a vida dos ibiarense.

Durante essas décadas a serem analisadas, também percorreu pela feira de Ibiara o almanaque de Manoel Caboclo, este residente em Juazeiro do Norte –CE e que Manoel Luiz teve como seu “sócio”. Sempre aos finais e início de ano, os agricultores eram ansiosos pela chegada dos almanaques que, de certa forma, guiaria as produções agrícolas. Aos domingos estes homens se deslocavam de suas residências rurais para a rua, onde deixavam os filhos mais velhos em casa cuidando das obrigações e levava somente o mais novo. Aqueles que já possuíam carro enchiam a carroceria de coco, banana, macaxeira e iam em busca de adquirir o dinheiro da feira e pagar aos trabalhadores semanais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora seja um caminho de pesquisa que ainda há muitas lacunas para serem preenchidas, as análises desses almanaques populares que circularam no Nordeste

---

<sup>328</sup> Entrevista realizada com Maria Barros da Conceição no dia 14/08/2017 em São José do Egito – PE.

Brasileiro, possivelmente, nos levarão a tornar práticas e crenças de um povo em um conhecimento histórico.

O presente projeto visa problematizar as significações deste almanaque popular como elemento de uma religiosidade, crença, em uma sociedade caracterizada pelo catolicismo cristão. Nesse sentido, buscamos investigar o lugar social dos agricultores que fizeram uso desse objeto, assim como, abordamos teoricamente, a partir de Burke, e outros autores os significados a palavra “cultura”.

Buscamos com essa pesquisa tentar preencher uma das lacunas acerca dos almanaques populares no Nordeste, dando assim, uma importante contribuição a historiografia, apresentando novos dados sobre esse campo de pesquisa e estudo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro —1550-. 1800: ensaio de interpretação a partir dos oprimidos**. Petrópolis. Vo- zes. 1974.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- NOVA, Vera Casa. **Lições de almanaque: um estudo semiótico**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1996.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. : Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984. V.1
- SANTOS, Manoel Luiz. **Almanaque “O Nordeste brasileiro”**. 1974.
- TRIZOTTI, Patrícia Trindade. **Identidade Paulista: Construção e Representação nas Páginas do Almanaque D` O Estado de S. Paulo**. **Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: "Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior"**. Assis – SP. 2007.